

# NOTAS SOBRE A FUNÇÃO DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DO MITO PELA FILOSOFIA

Notes on the role of literacy in the process of assimilating  
of the Myth by philosophy

José Trindade Santos \*

recebido: 10/2012  
aprovado: 12/2012

---

Para a Veré

## Resumo:

O objetivo deste texto é, através da comparação de fragmentos de “Narrativas da Criação”, retiradas de diversas origens, em períodos históricos muito diferentes, ilustrar alguns dos processos que conduziram à sua recolha, fixação e assimilação. Sublinhando a sua contribuição para a definição da identidade cultural das comunidades em que aparecem, chama-se a atenção para a função desempenhada pelas tecnologias da escrita no gradual processo de “letramento”, pelo qual passa a generalidade das Culturas.

Palavras-chaves: Mitos de criação, identidade cultural, escrita, letramento.

## Abstract:

This paper aims, by comparison of some fragments of “Creation talkings”, coming from various sources and so different historical periods, to illustrate some of those processes that led to the auto election, fixing and assimilation. Highlighting their contribution to the cultural identity conception of the communities in wich they raise, we highlight the role played by the technologies of the writing in the graded process of the “ literacy”, beyond what pass the sums of the cultures.

Keywords: Creation Myths, cultural identity, literacy, writing.

\* Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 CNPq. Doutorado em Filosofia pela Universidade de Lisboa, Portugal(1989). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGFIL/UFPA e do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

No Ocidente, a escrita surgiu no Egito e na Mesopotâmia, há cerca de 4.000 anos. A partir dos documentos que nos chegaram é possível ajuizar que a sua principal finalidade era monumental, visando a preservação na coletiva memória de fatos considerados relevantes para a comunidade. Embora em grande número celebrem vitórias políticas e guerreiras, há ainda outros documentos – mitos, leis, ficção –, cuja finalidade é fixar a identidade cultural do grupo.

No início do primeiro milênio, na Fenícia, surge uma escrita fonética que usava um silabário. Foi a partir dele que os Gregos, entre 750 e 720 a. C., inventaram o alfabeto<sup>1</sup>. A revolução produzida pela introdução dessa nova tecnologia teve como condição a existência de uma qualquer forma de letramento. Dominadas inicialmente por uma casta de especialistas, com o tempo, a leitura e a escrita vão-se espalhando pela sociedade, à medida que se estendem por todos os domínios da atividade cultural<sup>2</sup>.

Talvez o aspecto mais fecundo desse processo de difusão do letramento seja, a médio-prazo, a instituição do conhecimento como fato cultural. Ao longo dos séculos, o material fixado pela escrita vem a conter o corpo da informação do qual depende a sobrevivência da identidade cultural da comunidade, consubstanciada naquilo que ela constitui como “saber”.

Podemos imaginar que esse saber cumpre duas finalidades: uma ampla, de natureza prática, outra mais específica, de contornos teóricos. Uma vez que a difusão, mesmo restrita, da escrita supõe uma forma de consciência de si, inevitavelmente ela vai fornecer à comunidade um centro de gravidade, um ponto de referência, que expressará a norma em torno da qual a vida social se ordena. A própria fixidez e imutabilidade dos documentos constitui a maior garantia da sua confiabilidade: é o caso das leis.

Por outro lado, o domínio da expressão escrita constitui

uma habilidade que em breve dará origem ao desenvolvimento de novas áreas do saber. Para compreender como isso acontece há que nos concentrarmos no estudo da ordem interna que preside à produção escrita, imprimindo numa mensagem concreta a unidade de um texto.

Não prestando por ora atenção às fórmulas representativas dos rituais, as palavras tecem e simultaneamente exprimem uma rede de relações significativas animada pela finalidade de gravar as intenções do emissor na mente do receptor.

Nesta análise sumária, importa salientar dois dos elementos funcionais em que essa rede se apoia: de um lado, aqueles que concorrem para fixação da estrutura da mensagem; do outro, os que suportam uma primeira categorização da realidade descrita pelo discurso. Vou começar por estes.

Todo o universo em que a escrita participa é dominado por estruturas ordenadoras sucessivamente dispostas em estratos. No caso da escrita fonética, na base, acham-se os elementos representativos dos sons produzidos na fala: as letras e as sílabas. A partir dessa base, definem-se as ordens morfológica, sintática e semântica da linguagem, conducentes à possibilidade de utilizar o discurso para a descrição da realidade, tal como a intenção do escritor a expressa. Essa ordem é perceptível em qualquer texto. Veja-se, um exemplo, retirado do *Livro das Árvores*, dos Ticuna<sup>3</sup>:

*Ngewane*, a árvore dos peixes

“*Ngewane* é uma árvore encantada que existe desde o começo do mundo. Ela é grande, assim como uma sumaumeira, e tem leite, assim como o tururi e a sorva. Cresce em lugares distantes, difíceis de se encontrar: nas cabeceiras dos igarapés, nos igapós, e na beira dos lagos”.

O nome próprio – *Ngewane* – identifica a árvore que originou o mundo. Na narrativa, nomes comuns são usados para

caracterizar lugares, definindo e individuando o espaço do mundo. A descrição do seu aspecto é feita por analogia com árvores familiares ao ouvinte. A sua força criativa é identificada por fontes de alimento: “leite” e frutos conhecidos: “tururi” e “sorva”.

Podemos perceber como a escrita ordena a realidade, estabelecendo categorias, como espaço e tempo, e relações que a singularizam: “grande”, “distante”, “difícil”. O nome próprio designa o ser único, “encantado”, ao qual vai ser atribuída uma função geradora. Está definido um mundo e preparada a narrativa da qual *Ngewane* é protagonista: a de como, num outro tempo, se veio a originar o lugar em que hoje vive o grupo. O Tempo define a história do mundo; o Espaço e a rede dos lugares referidos, a sua unidade e as diferenças que agrega.

Quatro verbos ligam a diversidade dos nomes – “ser”/“existir”, “ter”, “crescer”, “encontrar” – criando a unidade da exposição. “Ser”/“ter” acumula duas funções: definir o sujeito como categoria fundante da narrativa e enunciar os seus atributos – “encantada”, “grande” –, e as suas propriedades: “leite” e frutos. “Crescer” assinala a função geradora que a distingue como protagonista; “encontrar” subentende aquele a quem a narrativa é destinada. Lançado no mundo, o homem “procura”: é um ser que busca. Aquilo que encontra é o mundo: o seu mundo.

A narrativa estabelece a comunicação entre dois mundos e duas espécies de seres: os deuses que a protagonizam e os homens a quem é destinada. Tem, portanto, um uso social, no qual coexistem diversas dimensões: a didática (definição e descrição do território, instruções topográficas e utilitárias), a ética (comandos de ação); e a que se sobrepõe a todas: religiosa/cultural/política (afirmação e reforço da identidade do grupo e do dinamismo da sua persistência no mundo).

Estas características são comuns à generalidade dos “mitos de fundação”. Para captar melhor a natureza do processo

de educação da comunidade operado pela narrativa mítica, comparemos três versões da história da separação do Céu e da Terra, distantes no tempo e no espaço. Começo com um fragmento da epopeia de Gilgamesh, oriunda da Babilônia, de há cerca de 35 séculos, passo depois ao início de um mito polinésio e termino com um mito ticuna.

“As estrelas surgiam no Céu.  
A essência de Anu descia sobre mim.  
Tentei levantá-la; era pesada demais para mim.  
Tentei levantá-la; mas não podia movê-la!  
A terra de Uruk estava envolvida por ela,  
enquanto os nobres beijavam seus pés.  
Quando ergui a fronte,  
Deram-me apoio.  
Ergui-a e trouxe-a a ti”<sup>4</sup>

“Cinco irmãos tenham concordado tentar separar Rangí’ e Papa’. Quatro deles não conseguiram. Então, Tane-Mahuta levantou-se e lutou com os pais. Em vão esforçou-se por os separar com os braços e as mãos. Então parou. Apoiou a cabeça com firmeza na mãe, Papa’, a Terra, e levantou os pés contra o pai, Rangí’, o Céu. Retesou as costas e os membros num esforço violento. Então separaram-se Rangí’ e Papa’ e com queixumes e lamentos de dor gritaram bem alto: “Por que razão matais assim vossos pais? Porque cometer crime tão atroz como matar-nos, a nós que somos vossos pais e separar-nos?”<sup>5</sup>”

Termino com o início de “A sumaumeira que escurecia o Mundo”, de *O Livro das Árvores*:

“No princípio estava tudo escuro, sempre frio e sempre noite. Uma enorme sumaumeira, *wotchine*, fechava o mundo e por isso não entrava claridade na terra. Yo’i e Ipi ficaram preocupados. Tinham que fazer qualquer coisa. Pegaram num caroço de araraticupi, tcha, e atiraram na árvore para ver se existia luz do outro lado. Através de um burquinho enxergaram uma preguiça real que prendia lá no céu os galhos da sumaumeira.”

Deixemos em suspenso as perguntas fundamentais: de onde vem esta memória de um tempo em que as potências cósmicas se manifestavam na sua plenitude, antes do nascimento e difusão dos humanos? Que intenção inaugural a explica?

Podem fazer-se cursos estudando comparativamente estes mitos. Não são, porém, as suas semelhanças e diferenças estruturais que me interessam agora, mas apenas, de um ponto de vista didático, os processos linguísticos e culturais que testemunham. Todos foram colhidos da oralidade, transpostos para a escrita e traduzidos para Português.

No caso da epopeia de Gilgamesh, a transposição foi feita há 4.000 anos, por Sumérios, na sua própria Língua, e por eles gravada em tabuínhas de argila, na escrita cuneiforme. Decifrada em 1891, pouco antes do momento em que Alfred Jeremias publicou, na Alemanha, a sua tradução, a epopeia passou para o conhecimento do mundo, inspirando criações artísticas diversas<sup>6</sup>. O mito polinésio foi recolhido no final do séc. XIX, por antropólogos e imediatamente vertido, ou traduzido para Inglês, para ser posteriormente apresentado ao público leitor europeu.

Ao contrário destes dois, o mito ticuna, registrado por professores ticunas bilingues, em meados da década de 80, do séc. XX, foi por eles diretamente escrito em Português, aparentemente sem a mediação de outra fonte anterior. A Língua ticuna ficou apenas presente nos nomes próprios e indiretamente em muitos dos nomes das árvores, dos animais e dos locais mencionadas nas narrativas.

Em dois momentos – no da transposição e no da tradução –, a língua original convive com as Línguas do escriba e do tradutor. No próprio instante em que é fixada deixa de interagir linguisticamente com a cultura oral da qual procede: literalmente, petrifica! Na forma escrita pode persistir como modelo, influenciando na expressão linguística do grupo; mas não

será mais afetada por ela. Há, no entanto, relevantes diferenças a separar os exemplos dados.

Na cultura grega, durante todo o tempo em que persistiu na oralidade e mesmo muito depois de ter sido fixada, a narrativa oral constitui “um enclave de discurso forjado na fala do quotidiano”<sup>7</sup>. As fórmulas a que recorre imprimiram na cultura a memória da Língua arcaica e dos códigos de conhecimento transmitidos desde tempos perdidos. Esse fato é perfeitamente detetável na persistência dos mitos homéricos durante séculos, na cultura grega e, durante quase três milénios, nas culturas nacionais europeias e americanas.

No caso dos Ticuna esse efeito parece ter sido perdido ou anulado. A memória cultural permanece na narrativa, mas a interação linguística cessou, se alguma vez houve. A transmissão é feita em Português, com a interferência mínima dos nomes na Língua original, de modo que as camadas estruturais que a formam foram totalmente assimiladas às da Língua do tradutor.

A inexistência, em épocas anteriores, de um ensino da Língua nas escolas impediu o registro de como os documentos originais imprimiram a sua matriz na cultura indígena. Isso significa que, durante o tempo em que houve contato entre as duas culturas, a cultura letrada não usou os seus recursos para registrar os processos de preservação da memória na cultura indígena.

Já no mito polinésio a situação é intermédia. Ignoro de que forma narrativas como a relatada acima foram assimiladas pelo ensino público e pela pesquisa, a seguir a terem sido recolhidas. Mas a transposição da cultura indígena só é facilitada quando o processo de difusão do letramento se desenrola por um período apreciável no seio da cultura e na Língua daquele que compôs a narrativa original. E isso só parece ter acontecido uma vez na História da Humanidade: na Grécia. No Ocidente, os Gregos foram o único povo que

recolheu os seus mitos da oralidade, os fixou por escrito na Língua em que foram originalmente compostos, os utilizou de forma consistente como suporte da educação e finalmente criou instituições dedicadas à organização desse material<sup>8</sup>.

Após séculos de estudo, essa circunstância possibilitou a detecção das estratégias a que a cultura oral recorria para preservar a mensagem original, impedindo a sua contaminação pelas transformações culturais e linguísticas sofridas pela sociedade. Para tal contribuiu ainda a diferença dos dialetos envolvidos no processo de preservação; no caso, o eólico, de Homero, em confronto com o dório e sobretudo o ático.

A primeira estratégia notável é a da “memorização rítmica”<sup>9</sup>. Compondo um “texto oral”, em que as expressões da fala corrente são metrificadas em sequências fixas de sílabas longas e breves, são facilitadas não só a memorização pelo recitante, como a fixação pelos seus ouvintes. O poder mnemônico desta técnica será ainda reforçado pela constante repetição de fórmulas, por exemplo, nomes e epítetos: “Apolo, o que mata de longe”, “Aquiles, de pés ligeiros”, “Ulisses, fecundo em recursos”, a “Aurora, de dedos róseos”, etc<sup>10</sup>.

Pergunto-me se não haverá um equivalente a este processo nos Shenipabu. Vejam o curto fragmento que retirei do *Shenipabu Miyui*<sup>11</sup>:

“”Bui, bui, tsu tsuru tsuruki inikiaki, nawaki ikara. Nawa akiki ika, askaya hani nikanu. Nete nikanu, bui, bui, tsu tsuru iwana tu tu turu, hash ikaia.”

Mesmo sem compreender minimamente o que está sendo dito, por falta de uma tradução do texto, a repetição das fórmulas, as aliteraões e os jogos sonoros parecem-me imitar vozes de animais, refletindo a intenção de auxiliar a memorização do discurso e facilitar a sua fixação. Mas é evidente que a compreensão do texto, o entendimento da

narrativa, reforçariam ainda a memorização e a aprendizagem das lições que a história traz.

Tal como ocorreu na Grécia, com o correr do tempo, as muitas canções orais que convivem no espaço cultural poderão ser organizadas numa narrativa ampla e englobante. Pensa-se hoje que, na cultura grega, essa tarefa pode ter sido levada a cabo entre os sécs. VIII e III a. C., dando origem àquilo que hoje conhecemos como os “Poemas Homéricos”.

É nos dois monumentos que assinalam o início da História, no ocidente, que é detetável a segunda das estratégias de fixação das mensagens colhidas da oralidade. Podemos caracterizá-la pela expressão: “sintaxe performativa”<sup>12</sup>.

Os dados, de proveniência e naturezas muito diversas, são inscritos numa narrativa sequencial. Por sua vez, esta é construída como a história de um ou mais acontecimentos, protagonizados por figuras míticas ou mitificadas. Os deuses desempenham a função de garante da ordem estabelecida. Os semi-deuses ou heróis funcionam como agentes criadores da nova ordem. Por fim, a massa dos participantes anónimos representa a semente da qual vão germinar os grupos que futuramente povoarão o mundo.

Uma vez concluída a tarefa de transposição pela escrita, a súbita libertação da memória do encargo de preservar a mensagem original possibilita a sobreposição de outras, novas finalidades. Preservada a identidade cultural, outras intenções se manifestam. Por um lado, a função didática torna-se evidente na acumulação de informações. Vejam-se nos Poemas Homéricos os dados sobre a geografia do espaço helénico, as manobras guerreiras, a arte da marinharia, a minuciosa ordem dos rituais – banquetes, cerimónias fúnebres, festivais, julgamentos, assembleias, embaixadas –, a organização dos espaços privados e públicos. Enfim, um manancial de informação em que a cultura arcaica se prolonga nos costumes e intuições da época clássica.

Percebe-se enfim que as personagens e as peripécias que marcam a sua existência na narrativa evidenciam a intenção formativa de fornecer as bases do código de comportamento de duas sociedades: um guerreiro – o da *Iliada* –, outro civil: o da Odisseia. Será da reflexão sobre ele que nascerão as grandes teorizações éticas que persistem até hoje como monumentos da cultura ocidental, nas obras de Platão e Aristóteles.

Com esta conclusão, chegou o momento de prestar atenção às figuras que conduzem este complexo e diversificado processo de composição e recomposição cultural. Perdido na noite dos tempos, Homero transformou-se no nome coletivo da legião anónima de compositores (os aedos), que alimentaram os recitadores (os rapsodos), curadores da escrita (os gramáticos), de quem dependeu a organização dos Poemas.

Séculos depois deles vieram os sábios da época arcaica e os seus descendentes: os filósofos e os praticantes de artes diversas, no séc. V. Todavia, se as suas obras se distinguem profundamente umas das outras, as suas finalidades foram as mesmas. O advento da escrita permitiu que a intenção preservadora deixasse de pesar sobre as mensagens, de modo a que o poder sintetizador e criador da inteligência reinasse indisputado ao longo dos séculos vindouros.

Ensaio agora um paralelo arriscado, mais sugestivo que didático. Olhando as poucas, mas preciosas narrativas coligidas no *Livro das Árvores*, a que muitas outras poderiam agregar-se, não é insensato imaginar que pudessem ser organizadas numa narrativa englobante, dedicada a Yo'i e Ipi.

Dela sobressairia a diversidade do universo dos Ticuna, expressa no amor que dedicam à terra, às águas, aos animais e às árvores que dão forma ao seu território. Tivesse eu a capacidade e a educação necessárias, poderia perceber os múltiplos sinais ocultos nas narrativas, que um leitor despreparado não tem condições para entender!

Voltando aos mitos sobre a separação da Terra do Céu, dos

quais a sumaumeira constitui a versão ticuna, enfrente agora a pergunta sobre a sua razão de ser. A memória de um tempo em que as potências das quais se gerou o cosmo ainda não tinham atingido o equilíbrio atual persiste em inúmeras narrativas, míticas e não só. Vejamos duas que assinalam os inícios da associação da prosa grega à tradição filosófica:

“Todas as coisas estavam juntas, infinitas tanto no que diz respeito à multidão, quanto à pequenez; pois o pequeno era também infinito. E, enquanto todas as coisas estavam juntas, nenhuma delas era evidente por causa da sua pequenez; porque o ar e o éter cobriam tudo, sendo ambos infinitos; pois estes estão ao máximo em todas as coisas, em multidão e grandeza”<sup>13</sup>.

Recuando no tempo histórico, mas apenas algumas páginas nas obras definidoras da tradição, voltemos a outro texto clássico. Apesar de mais de um século separar este fragmento 1 de Anaxágoras (meados do séc. V) do “fragmento de Anaximandro”, original do início do séc. VI, ele constitui um bom prelúdio a esse texto:

“... segundo a necessidade: pois [as coisas] pagam castigo e retribuição umas às outras pela injustiça, segundo o decreto do Tempo”.

O fragmento de Anaxágoras descreve o estado pré-cósmico, tal como se mostraria aos olhos de deus. Toda a cena constitui um anacronismo. Fala-se de coisas que ainda não eram, de uma totalidade anterior à sua própria formação, de substâncias que ainda não podiam sê-lo, de qualidades e propriedades que não se manifestavam.

Complementando-o, o fragmento de Anaximandro – ao qual o contexto fornecido por Teofrasto constitui adequada introdução – exprime a lei da justiça cósmica que depois há-de reger o equilíbrio universal. No princípio, todas as coisas

estavam juntas. Depois de produzida a separação<sup>14</sup>, é necessário que o ciclo da vida seja equilibrado pelo da morte: é preciso que todas as coisas morram para delas outras se gerem.

Só mais tarde são oferecidas diversas explicações para o processo de como as coisas que estavam juntas se diferenciaram. O fragmento 12, de Anaxágoras, refere a “rotação do Espírito” como a causa do processo. Mas a proibição, por Parmênides (B8.3-33), da geração e corrupção, do movimento e da divisibilidade de “o que é” sugere que a noção do turbilhão original gerador da separação já era corrente uns 50 anos antes.

A comparação destes dois textos com os fragmentos de mitos fixados na antiguidade e nos tempos modernos, aqui citados, caracteriza emblematicamente a contraposição entre mito e logos. Enquanto o mito é uma narrativa, dominada pela sintaxe performativa, o logos é uma descrição, da qual a *explicação* – a busca deliberada das causas – se decorre naturalmente. Mas a sua temática permanece invariável.

Na Grécia, Hesíodo (séc. VIII; Teogonia 167 ss.) conta que Cronos – filho do Céu e da Terra – castrou o seu pai com a foice que lhe foi dada pela mãe, cansada da sua existência como eterna parideira. Mas veio a ser envenenado por Zeus para que os filhos que tinha devorado pudessem recuperar a vida. Na Mesopotâmia, a epopeia Enuma elish (cerca de 2.000 a.C) narra a saga de Marduk, sobre quem recai a tarefa de matar a serpente Tiamat, separando para sempre a água salgada da água doce:

"Quando no alto não se nomeava o céu,  
e em baixo a terra não tinha nome,  
do oceano primordial (Apsu), seu pai;  
e da tumultuosa Tiamat, a mãe de todos,  
as águas se fundiam numa,  
e os campos não estavam unidos uns com os outros,  
nem se viam os canaviais;  
quando nenhum dos deuses tinha aparecido,  
nem eram chamados pelo seu nome,

nem tinham qualquer destino fixo,  
foram criados os deuses no seio das águas.”<sup>15</sup>

Na Mesopotâmia, quando Céu, Terra, Águas e campos férteis não tinham se separado (o terreno da bacia dos rios Tigre e Eufrates era um imenso pântano), o equilíbrio cósmico gerador da vida dependia do controle da fúria das águas do mar, representadas por Tiamat. Assassinando Tiamat, Marduk promove a separação da qual sairão os deuses e o mundo como os homens o virão a conhecer.

Na Grécia, quando a semente líquida que jorrava do Céu fazia a Terra continuamente proliferar em sempre novas gerações, tornou-se necessário impor equilíbrio no cosmo. Para tal, houve que consumir a separação das duas potências, fixada na narrativa da emasculação de Crono.

O quadro da descrição de Anaxágoras poderia ser contemplado por Gilgamesh, Tane-Mahuta, Yo’i e Ipi, Zeus ou Marduk, para não falar em Anaximandro. É a partir dessa elipse que a narrativa relata as ações empreendidas pelos heróis, ou novos deuses, para criar um novo estado de coisas. A sintaxe performativa ordena os dados no fio da sequência cronológica da narrativa, sugerindo a ordem implícita dos fatos. Creio que devemos resistir ao impulso de a interpretar simbolicamente, respeitando as categorias da ficção.

Todos estes mitos constituem narrativas sobre a formação do mundo, tal como também sobre o Poder, sua origem e utilização. Mas é singular que, das narrativas dos Ticuna, a morte esteja ausente. A ordem da vida reina sobre todos os seres e o prodígio da criação manifesta-se na geração das espécies, em *Ngewane*. Sem sangue nem morte – porque a morte é apenas subentendida como o nexa que liga as vidas –, sem lutas fratricidas, a roda da Natureza espelha-se nos olhos do Homem, quando, após as chuvas que provocam a subida das águas do Rio, as espécies se vão revelando aos seus olhos atônitos:

“Quando a água sobe, as lagartas saem transformadas em peixes, em vários tipos de peixes, grandes e pequenos: matrixã, jaraqui, pacu, curimatã, jeju, pirapitinga, bacu, piabinha, piranha, aracu, tambaqui, samoatã, piau, jundiá, traíra, carauaçu, acari, pirarucu, sardinha, surubim, tucunaré, bodó, branquinha, pescada, poraquê, pirabutã, sarapó, jacundá, mandi, arenga, aruanã. Os peixes, já ovados, se espalham pelas águas e ganham a caminhada para os igarapés, lagos e igapós. Depois, uma parte alcança o rio, subindo em piracema. Esses peixes servem para alimentar as pessoas.”<sup>16</sup>

Para que serve esta cadeia de nomes de espécies aquáticas? Decerto para o mesmo que o cuidado posto na identificação das árvores (em Nainecü: *vide* Google), e nos animais da terra e do ar. O aspecto enciclopédico na narrativa manifesta-se aqui com extrema clareza. Mas a majestade épica do grande rio domina toda a cena da geração da Humanidade, culminando com as histórias do Jenipapo e da origem dos povos.

Surpreendente é ainda a extrema naturalidade com que – ao contrário do que acontece noutras culturas – o fato de o Homem se colocar no topo da criação o deixar perfeitamente situado nela. Toda ela lhe serve, toda ela se lhe mostra na diversidade dos seus infinitos aspectos. Toda ela tem de ser preservada.

Será precisa muita desatenção para deixar escapar esta característica, que diferencia a narrativa do *Livro das Árvores* dos seus pares Europeus e Índicos, aqui citados<sup>17</sup>.

## Notas

1 No *Filebo*, Sócrates atribui ao egípcio Theuth (*vide Fedro* 274c-275b) a invenção da “gramática” (“ciência das letras”). Ao estabelecer a distinção entre vogais, semivogais e consoantes, o silabário é substituído pelo alfabeto (18b-d).

2 A abordagem “oralista” da Literatura e da Cultura gregas impôs dois

- princípios a que a compreensão dos textos deve obedecer: 1. o “letramento” é um processo complexo e gradual que se arrasta por séculos; 2. a fixação de uma mensagem oral pela escrita organiza-a a partir de novos parâmetros, determinantes da sua estruturação.
- 3 Jussara G. Gruber (org.), Benjamim Constant, *Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues*, 1997. Ver ainda a abordagem comparativa de mitos gregos e ticunas, em M. S. Jatobá, *A memória da criação do Mundo*, Editora Valer, Manaus 2001, 27-120.
  - 4 *The Ancient Near East Texts*, J. B. Pritchard (ed.), Princeton U. P., Princeton 1958.
  - 5 Resumida por J. C. Anderson, *Myths and Legends of the Polynesians*, 1928, 367.
  - 6 Ver na wikipedia, informação sobre a epopeia de Gilgamesh.
  - 7 Ver adiante (n. 8) as referências a E. A. Havelock. A citação acima é retirada de *The Greek Concept of Justice*, 1978, 30-34.
  - 8 Entre as inúmeras obras em que esse processo se acha registrado, dada a intenção didática deste texto, refiro apenas o primeiro capítulo de G. Gusdorf, *Storia dell'ermeneutica*, Laterza, Roma-Bari 1989, 5-29 (*Les origines de l'hermeneutique*, Payot, Paris 1988).
  - 9 A estruturação das mensagens fixadas nos mitos gregos e o seu aproveitamento didático foi trabalhada por E. A. Havelock, numa série de trabalhos, publicados nas décadas de 60 a 80 do século passado. É das obras de E. A. Havelock que retiro a linha interpretativa seguida neste texto. Retenho, em particular, *The Greek Concept of Justice*, Harvard U. P., Cambridge, Mass., 1978, *The Literate Revolution in Greece and Its Cultural Consequences*, Princeton U. P., Princeton 1982, além de *A Musa aprende a escrever*, Gradiva, Lisboa 1988.
  - 10 Ver nomeadamente em Havelock, a referência aos trabalhos seminais de Milman Parry e A. Lord (*A Singer of Tales*, Harvard U. P., Cambridge, Mass. 1960).
  - 11 Organização dos Professores Indígenas do Acre (UFMG 2000).
  - 12 A expressão tem um duplo sentido. Não só estrutura a informação relevante numa narrativa que descreve as ações realizadas por personagens identificados pelos seus nomes; como indica a dependência da estruturação do texto das condições determinadas pela sua representação pública (Havelock 1978, 41-46).
  - 13 As traduções dos fragmentos dos presocráticos foram feitas a partir de: H. Diels, W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlin6, 1956.
  - 14 A generalidade dos comentadores – inspirada na *Física* A4, e em outros tratados de Aristóteles – explica-a através da intervenção dos contrários.
  - 15 Retirado e traduzido da internet: Google, *Enuma Elish*.
  - 16 *Livro das Árvores*.
  - 17 Este texto expande a comunicação apresentada no II Seminário de Filosofia na Amazônia, realizado em Manaus, em Novembro de 2009, na Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB). Aproveito a oportunidade para agradecer o convite para participar neste Seminário.